



A FRAGRÂNCIA DOS LOUCOS

ROBERTO MENEZES

APPALOOSA
Online Indie Publishing

A Fragrância dos Loucos

Roberto Menezes

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0007

Menezes, Roberto

A Fragrância dos Loucos

Roberto Menezes – 1 Ed. 2017

Appaloosa Online Indie Publishing

Capa:

Felipe Coutinho | Óleo Sobre Tela

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio / Produção e Edição

Este Livro Contém:

- . A Fragrância dos Loucos
- . Sobre Roberto Menezes
- . Sobre Felipe Coutinho

Outra vez.

Outra vez sentado de frente a essa mesa enferrujada. Outra vez, contra a minha vontade ter que repetir essa história. História que por mim já deveria estar enterrada ou apresentada nessas novas salas de cinemas 3D. Quantas vezes vou ter que repetir? Quantas vezes já repeti hoje? Duas? Quatro? Nem sei mais se ainda é hoje. Do último verão para cá, o tempo se converteu numa linha enrosca. Me digam: até quando vou ter que revisitar esse enredo repetido? Nessa obrigação tola de ter que trazer novas palavras. Uma nova história que é a mesma velha história. Re, re, re, re... Nem cachê estou recebendo, se é que já liguei para isso. E se eu sugerir vocês darem o preço que eu valho? Só por brincadeira. E aí, o que acham? Agora pensando aqui, nunca vi um jornalista dando esmola, sem fazer alardear às quatro este de ato de bondade. Bondade não, investimento em publicidade. Nunca paguei por assessoria de imprensa. O meu dízimo é gasto todo mês com cinco garrafa do meu uísque que venero. Ah, pra quê guiar cego ou apartar briga de cão, se ninguém fotografar pra mostrar nas rodas da sociedade. Essa sociedade, suas festas, eles abominam vocês, acho que até mais do que eu. Não pensem que é diferente, o governador, o prefeito, esse povo de construtoras, esses doleiros, esses investidores das bolsas de valores, eles são outro tipo de gente. Vocês só são aquele peixe imbecil que passa vida limpando os dentes de tubarões. Continuem,

senhores, os dentes dessa raça nunca deixam de ficar sujos.

Quantas palavras não ditas ainda tenho comigo? Façam suas apostas ou sumam daqui. Será que essa fonte está perto de secar? Não valho uma cocada, mas tenho um saco de vocábulos claudicantes. Palavras bastardas com carinhas embusteiras de filhotes de cães num brechó de cães com sopro no coração. Vocês são uns sacanas, adotam esses cães e fazem aquilo que todo tolo faz, vai ao dicionário buscar um sinônimo confortável. Vocês nunca vão entender, as pessoas gostam de palavras com cara de abandonadas.

Hoje acordei com um ódio maior de pessoas como vocês. Vocês são os ratos masturbadores que fazem essa roda sacana girar. Eu soube que mudou o governador, era PT, agora é PSDB. E aí tem coragem de manter a ideologia, quem tem coragem de falar bem de Lulinha no programa de rádio? Não, não, vocês são covardes, aquele covarde clichê de história da carochinha. Nunca conheci um de sua espécie que não cultivasse pelos no coração.

Mas vamos, lá. Cigarro alguém tem? Ok, só queria ver a desculpa que você ia dar. Mandou bem, novato com cara de raposa, você tem talento, tem tudo para ter futuro no meio dessa alcateia.

Outra vez vêm vocês com seus gravadores, suas virgens fitas cassetes de olhos arregalados. Olhos

impacientes em tolos giros perpétuos. Que me editem, que me parafraseiem, que me contradigam em editoriais, em crônicas, em mesas redondas, em ensaios. Que me editem... não, não, não, hoje vou pular essa introdução.

Outra vez, eu retorno ao marco zero. Retomo o ponto onde ela me abordou. Sílvia Rodrigues, saca só, vocês sabem a força da presença daquela mulher. Quando avistei ela no saguão do aeroporto no dia que eu a conheci, de cara, saquei que era advogada, toda montada no clichê. Mas de cara era patente que ela não era uma qualquer. Senhores, só imaginem, Silvia completamente nua, aquela pele dourada banhada a álcool. Tenta aí, vai, só imagine Silvia completamente nua caminhando lentamente em direção à cama, em direção ao teu pau, o teu pau espera de olhos fechados porque se abrir olhos não suporta segurar um segundo a ejaculação. Meu pau de olhos fechados e eu de olhos abertíssimos. Na hora que dei com ela, eu subia na escada rolante, ela lá em cima, imaginei o caralho a quatro. E digo que realizei quase tudo que imaginei naquele dia.

Isso foi no dia que voltei a essa cidade para ficar cara a cara com Saulo na presença do juiz no processo contra a Selva. Foi Sara, minha agente, que havia contratado ela. Silvia, padroeiras dos casos perdidos. Deixa essa porra para lá, Sara, mas Sara insistiu. E agora eu estava com Silvia no tribunal. Primeira vez na vida que entrei nesse antro papa-jantares. De frente ao juiz, Silvia

parecia saber da minha história com a editora mais do que eu. Não deu vacilo algum. Fez questão de levar todos os contratos assinados de todos os meus livros, de todas as edições. Uma resma de cópias de e-mails e cartas. E eu? Só com uma cara de cínico, pensando: para que tudo isso, morena? E Silvia lá, predadora. Porra, todo mundo ali sabia que, em primeira instância, meu caso era perdido. “Foda-se”, dizia Silvia, “Deixa eu tombar em pé”. Um poeta amigo meu diria que Sílvia é time copeiro. Não é a definição precisa, mas.

Perdemos. Ela quis recorrer. Por mim, a merda da Selva poderia publicar minhas poesias como achasse melhor. Só concordei com essa palhaçada para poder ter outros momentos com Sílvia. Adiei a volta para casa. Duas ou três reuniões na restaurante grego de Centro. Três ou quatro goles de vodca para Silvia. Meia garrafa do mesmo uísque para mim. O que falávamos? E então, essa é uma boa pergunta: o que um poeta sem rima e sem rumo conversaria com uma advogada atarantada com situações cíclicas seculares de seus celulares enervantes? Me lembro que a nossa primeira conversa fora do assunto do processo só se deu depois do julgamento do recurso. Até ali, porra, Silvia só estava interessada em me dissecar. “Por que você fez essa tolice? Por que permitiu música musicarem seu poema sem autorização da editora? Bastaria uma ligação. Por que você passou essa tarefa para Sara? ”. Perguntas. Perguntas. E respondia uma a

uma, direto, sem tentar criar frases de efeitos, sem querer plantar uma ou outra segunda intenção. Sabem, creio eu que foi isso que vi em Silvia o que nunca havia visto noutra mulher: Silvia estava se lixando para o que eu escrevi ou deixei de escrever. Repito muito o nome dela, não é?

No dia que a editora aceitou o acordo, saímos para comemorar. Sílvia relaxou. Digo, relaxou mas nem tanto. Saladino e as invasões árabes. Nem lembro como esse assunto veio à mesa. Que loucura cristã foram as cruzadas. Sílvia disse que se acreditasse em Deus seria muçulmana. Daquelas que se enchem de bomba e explodem um mercado inteiro. Eu falei, calma pera lá, pense nas crianças, pense nos inocentes, pense. Silvia refutou, “Tem que ser assim mesmo, milhares de anos de opressão não se acabam com apertos de mão”. Sílvia detonou os deuses e os diabos da política, internacional. “E aqui, esse clima de paz e amor, anota aí, não vai durar tanto. Dou seis, sete anos para esse país voltar para o caos”. Falei que havia desistido de falar em política. “Azar o seu, tudo isso me dá tesão, me dá uma raiva massa, me deixa com vontade de explodir”. Não seja por isso. Do bar, em quinze minutos, chegamos no meu quarto de hotel. Foi uma das poucas vezes que vi Silvia desligar os celulares. Na penumbra arroxeadas, ela foi me entregando a sua volúpia por trás de tanta peça de roupa, por trás de tanto vinco. Nem lembro como aquela noite terminou.

Amor? Eu não amava aquela mulher, já amei dezenas, mas não Silvia. Apenas um medo doido e submisso e uma curiosidade amarga me apoderavam quando ela estava por perto.

No outro dia, ela me acordou, “Estou indo”. Eu não disse nada, só dei um tchauzinho com mão. Silvia bateu a porta e foi se perder no labirinto dos horários marcados. Peguei o avião e voltei para casa. Na outra semana, fui a Londres dar palestras em duas universidades e aproveitar para rever alguns amigos. Teve uma hora quando anoitecia, lá pelo meio da tarde, que me perguntei a razão de estar ali. Estava de saco cheio de viajar de cidade em cidade para dar a mesma palestra. Estava de saco cheio de ficar autografando livros para estranhos que nunca vão entender o que escrevi. Silvia? Voltei para ela. Ela esperava por mim. Amor? Não, senhores. Medo e curiosidade. Sabem quantas poesias fiz para aquela mulher?

Gostaria de dizer, do fundo do meu coração, que deixei de ser poeta no dia que avistei Silvia. Mas poesia é como gripe, não se cura. Olha uma coisa que vou levar para cova. Compor, aí sim, parei. Depois de Silvia, furacão de proporções caribenhas, nada mais fazia sentido. Palavras no papel, ração batizada para agradar perdidos, iludidos, convencidos. Porras-loucas e acadêmicos, o que mais fiz na minha vida além de querer agradar essa raça? Que procurem outro, clones meus por aí é o que não

faltam. Encomendem a eles mais uma arrouba bem medida de palavras sortidas. Adestrem um primata qualquer. Se virem! Pode ser um de vocês. Vocês jornalistas, ficam aí na defensiva se achando superiores. Conheço vocês. Babuínos betas, perdedores com essa pose de sensei. Vocês me olham, se perguntam: “Como um derrotado meia-idade escreveu versos que me nos deixam nos perplexos”. Quatorze livros. Três antologias. Crônicas imbecis em jornais. É fácil me copiar. Agora, fazer brotar o novo deste plágio é outra história. Loucura, nenhum de vocês exala loucura. Desistam.

Um cigarro? Só um trago. Só um cigarro para esse poeta louco. Não é assim que vocês me chamam nas páginas dos seus jornais? Me chamar de louco é a coqueluche da estação. Dois médicos me consultaram. Um disse que sim, o outro que não. O promotor que diz me defender quer me convencer a usar esse argumento para salvar minha pele. Mas não tem advogado nenhum no mundo que consiga sustentar argumentos sobre essa minha falsa loucura no dia do meu julgamento. Do outro lado, estará Silvia. Só ela está certa de minha sanidade. Silvia quer me ver morto. Já me perguntei como ainda não encomendaram um suicídio a mando dela. Sabem por que ainda estou vivo? Morrer não basta para ela. Por ela, eu morreria todo dia. Silvia deve embalar seu sono diário catalogando maneiras sofríveis e vagarosas de morrer. E por que não me mato? Sou o homem mais covarde do

mundo, macho zeta, do tipo de macho que herdará o reino dos céus. Sou louco, senhores? Sim, sim, é uma pergunta. Sou louco? Nem eu sei se a loucura me abandonou, ou se se escondeu em alguma gaveta dentro de mim. “Todo poeta tem a fragrância de louco”, um dos meus primeiros versos. Me achava estupidamente original na minha inexperiência desbarbada, se é que até hoje alguma barba nasceu nessa cara árida. Pois, loucura, quando alguém me explicar o que é isso, digo se sou ou não.

Eu poderia ter mantido tudo naquela de encontros casuais. Vodca e sexo. Papo gostoso. Esperar por uma lacuna na agenda apertada de Silvia, uma semana, quinze dias sem se ver. Talvez tivesse enjoado depois de um mês. Mas aquele medo curioso que falei há pouco me dizia para ir mais fundo. Seis meses depois, estava lá eu, morando com ela. Cozinhando para ela. Feliz da vida. Uma rotina com tom de espera. Pior que eu não sabia o que me esperava. Só fui saber, senhores, numa sexta-feira que, por muita pressão e insistência de Silvia, coloquei terno e gravata e fui a uma formatura.

Calma, prometo que antes que a noite de hoje chegue, falarei da mais plena das noites plenas, prometo que contarei os segundos e esboçarei um clímax até chegar lá. Como eu deixaria de falar da noite que fui possuído por todos os adjetivos da face da terra. Paciências, meus chapas.

Lembro bem dessa última cena em que essa história só tinha eu e Silva como personagens. Visualizem. Dirijo o carro que alugamos no aeroporto. O carro quase não anda. Mais de meia hora nesse engarrafamento. Silvia de passageira pragueja contra um movimento social aleatório. Eu nem aí para o trânsito, só um nervosismo e uma vontade de fumar insustentável. Silvia diz que vou gostar dos seus filhos. Filhos que só conheço de foto. Sorrio e conto uma piada sobre gansos e freiras. O carro da frente avança meio metro e. Não me lembro de mais nada.

Confesso, estava assustado, assustado pra caralho. Havia tido uma sensação estranha mais cedo quando botei o pé no avião. Porra de jovens. Sou um quase velho que detesta jovens. Bostinhas que postam em redes sociais recortes de textos meus que, assim recortados, não querem dizer nada. Sou filho único. Não tenho parentes para ter que ir em reuniões natalinas forçadas. Deve ter um órgão do governo que fica responsável pelas exéquias de homens sem família como eu. Não vou dar trabalho, joguem meu cadáver na jaula do tigre, mas façam isso em um domingo do dia dos dias dos pais. Ser pai? Se eu já quis ser pai? Cara, você só pode estar de brincadeira. Graça a Deus que minhas gozadas inconsequentes não chegaram ao alvo. Graças a Tupã que minhas gozadas com genética de nadador, mesmo metendo lá, terminaram em abortos caseiros, fetos ensanguentados

numa lata de lixo de zinco. Tem funeral melhor do que ser mastigado por um caminhão de lixo de uma empresa terceirizada? Quem decidiu inventar rituais para enterrar, queimar ou embalsamar defuntos? Justo que todo ser humano deva ser tratado como todo o resto, a casca de banana vai para o lixo, a embalagem do Cream Crack vai para o lixo, o óleo velho vai para o lixo, a tampa da long neck vai para o lixo. Carne, gordura e osso. Porcaria se enchendo de gás. Tem vez que sonho com o meu corpo morto, eu vivo e apodrecendo, um padre caolho rezando uma blasfêmia, uma cantora de tango balbuciando balelas, e eu, me enchendo de gás, de gás, de gás.

Sabe o que sinto quando penso na possibilidade de ter algum filho? Me sinto péssimo. Só isso, péssimo, que explicação fajuta, eu esperava mais vindo de um grande poeta, o último dinossauro de sua geração que não largou essa merda de escrita e foi plantar graviola. Então, me sinto péssimo, é só chegar perto dum desses menininhos com suas mochilas pré-vestibulares, mascando chicletes de canela sem açúcar, pronto, só isso basta para eu me sentir sortudo por não ter feito essa desdita. Fetos ensanguentados ambulantes. Fetos ensanguentados jogados em terrenos baldios dentro de sacolas de supermercado. Conhecem esse meu poema, né? Carne e Sangue Delivery. O engraçado é que a crítica especializadíssima em peso, que nunca acertou porra nenhuma do que escrevi, pensou que Carne e Sangue

Delivery tinha a ver com a ditadura, e com todo aquele depoimento que cansei de repetir sobre os meus duros anos no regime militar. Tudo lenda, nunca sofri nada, nunca fui preso, nunca fui torturado, mentira, falsa não-ficção, apanhado de historietas com timbres heroicos.

Aí os filhos de Silvia entram na minha vida. Moravam com o pai, aquele cara lá, o tal arquiteto argentino que morreu, Julio Alfonso alguma coisa. Isso, Rulio Alfonso, morreu de câncer, câncer de cu, se não me engano, botaram até o nome dele de uma ponte lá na tríplice fronteira. Pior que só depois é que fui entender a insistência de Silvia em fazer eu me aproximar deles. Sobre o câncer do cara lá, Silvia não tinha me contado. Mas tudo bem, nem os próprios filhos sabiam. Enfim, a fatura da morte do tal arquiteto seria o estorno dos dois filhos para Silvia. E de tabela, para esse poeta que nunca fez mal a uma mosca.

Nunca gostei de dirigir, imagina numa cidade que mal conhecia. Depois de arrodar um bocado, chegamos ao ginásio da escola. Já do estacionamento, nos deparamos com uma peste de beca. Vozezinhas agudas secundaristas, peles róseas, cor de jambo, negras, fetos sobreviventes. Eu me vi ali, no corre-corre da minha estreia, figurante de uma comédia norte-americana clichê. Os filhos de Silvia poderiam ser qualquer um deles. Um deles bem que poderia me abraçar cheirando a sabonete Fofo, dizer que logo-logo eu seria o seu papai. Senhores,

não estou inventando, andei no meio daqueles pivetes aterrorizado, quase aceitando o fato de ser devorado a qualquer instante.

Eu lá, aqui, só suor, uma vontade de me encher de tabaco e vodca. Me alienar com algum verso russo. Silvia se perde no fluxo estudantil. Só posso sair daqui. Ando ziguezagueando, quem sabe encontro, uma sombra, quem sabe me esqueçam. Desço as escadas dos fundos. Pretendo ficar aqui atrás até fumar meio maço, só eu e a brisa. Mas, caralho, no cantinho que presumi estar vazio, a brisa já é confidente de um rapaz magricela. Ele fuma sentado com as pernas encolhidas e a coluna arqueada. Quer saber, vou ficar, tem solidão de sobra para dois. Ele me olha indiferente como se eu estivesse de passagem. Peço fogo. Ele me dá o seu cigarro já gasto. Aceito. Acendo o meu, mas nem sei por que, fico com o dele. Ele não diz nada. Magro, quase raquítico, lábios cor-de-rosa; na mão canhota, uma BIC mastigada. No colo, um caderno de anotações sovado. Me ignora e, sem pudor, tenta escrever versos na folha em branco. Canhoto, canhoto como eu. Pega na caneta do mesmo jeito que eu. Por nada quero interromper essa escrita ansiosa. Só quero ficar aqui, fumando, compondo catálogos das constelações. Super Nova. Aglomerados de estrelas em meia fase. Cometas e estrelas cadentes invisíveis. Calados, paralelos, solidão de sobra, uma suruba com a solidão. Talvez o garoto esteja escrevendo uma ideia igual a minha no papel. Suruba,

solidão, meia luz, última hora nesse lado de cá. Quem sabe, esse garoto pesque algo dessa nuvem de pensamentos, se eu tivesse uma caneta, quem sabe eu escreveria, não, não quero escrever, só querer torcer que o vento leve um dízimo dessa nuvem para se soldar com a nuvem indecisa desse rapaz. Quem sabe o meu dracma de nuvem intoxicada de rancor, fracasso e sovinice deposite meio quilo de avaria a essa nuvem tão perfeita. Esse rapaz, é quase meu espelho, é do tipo de nuvem que não espera ficar madura para fugir do pé. Que pressa tem essa fruta? Por que essa angústia para encarar a morte? Eu vi a morte sete vezes e meia, e todas as vezes ela me tratou com desdém. Sua hora não é agora, sua hora não é agora. Gente, é inevitável que me venha a lembrança do dia que fiquei com meu pai e acompanhei sua última hora. Chego no hospital é quase três da tarde. Aviso a enfermeira que hoje ele não quer visita. Tranco a porta do apartamento, acendo um cigarro, nem ofereço, levo a sua boca. Degusta do teu algoz, pai. Ele tosse, ri, declina outro trago. Acabo eu mesmo. Sessão da Tarde. Se ele pudesse, riria da comédia. Não vejo graça, mas adoro exercitar o esporte de não sentir graça. Minha atenção é toda para o filme. Nos comerciais, me viro para comentar com ele que. Nem vi a hora exata que ele morreu. Pensando bem, me senti liberto e com sentimento de ter cumprido uma promessa de vingança. Alguém me explica por favor, a raiva que eu

tinha dele, uma raiva egoísta e até certo ponto existencialista por ele ter consentido que eu existisse.

Não, não, respeitem meu silêncio. Tenham o mesmo respeito que eu e o garoto, honrosamente, compartilhamos. E por que agora esse pensamento dissonante de paternidade? Mas não é isso, eu sei que não é isso. E por que continuo olhando para ele? Até consigo adivinhar os seus atos. Agora. Ele arranca a folha do caderno, amassa e joga fora. Sem raiva. De novo, tudo em branco. Ele recomeça. Tira a tampa da caneta, morde os lábios e escreve sob meus olhos, uma luz surge, de certo enviada do Olimpo, tudo escurece, e a frase se apresenta, clarividente: “Todo poeta tem a fragrância de louco”. Foda, cara, foda. Quem é ele? Me reconheço nele. Um eu do passado. Cigarros e canetas mordidas. Cabelos escorridos até os ombros. Poucas espinhas. Muitos cravos. Mordidas nos lábios. Coluna em C. Calças que cabem dois. Escreve como eu escreveria, se pudesse escrever agora em algum momento do passado. Não entendo entender porque não o imagino como um feto sobrevivente. Gêmeo ou coisa assim, que coisa assim? “Quem bom que vocês já se conheceram antes de eu apresentar”, Silvia me surpreende, “Nunca tinha percebido o quanto vocês são parecidos! Vamos, vai começar”. Para que sair daqui? “Vamos, vamos”. Apago o cigarro. Silvia abraça Marcos com seu carinho inadimplente.

Calma, senhores, deixa eu ficar nesta noite ainda. Só conheci um filho dos filhos. Falta a outra parte. A festa de formatura é aquela coisa de sempre: muito refrigerante, pouca comida, música de mal gosto, choros, e todos dizem que nunca iam perder o contato. Só Silva para eu aguentar sentadinho com carinha de diplomata finlandês. Alguém sugere sair dali. “Ficar até o fim para quê? Já deu. Que tal uma pizza? ”. Só na saída é que Silvia me apresenta a Márcia. A menina diz olá, me encara com olhos de leoa e se mete no carro do pai. No restaurante, o tal Júlio nos diz que os meninos mudaram de ideia e ficaram numa festa na casa de algum colega. Pizza de rúcula com tomate seco. Vinho chileno de quinta categoria. E eu ainda tenho que manter a civilidade e bancar o interessado no papo do futuro defunto. Sei lá por que ele está tão obstinado em me explicar as mensagens subliminares de cunho comunista escondidas na planta piloto de Brasília. É a primeira vez que vejo Silvia bocejar. Esse cara tem cara que nunca conseguiu fazer Silvia se sentir uma mulher-bomba.

Pegamos o avião de volta no outro dia. Silvia nem foi para casa, trocou de roupa no aeroporto, e foi se meter entre celulares e incontáveis processos incuráveis. Abro a porta da cobertura de frente para o mar. As duas empregadas, nem lembro o nome, nem lembro as caras, me recebem e voltam para as suas obrigações. São muito discretas. Só, uma vez ou outra, elas deixam vaziar algum

cochicho ou risinho vindo da dispensa. Já criei o costume de ficar na varanda observando a linha do horizonte lá no meio do mar ir desaparecendo, desaparecendo, a garrafa de uísque meio pela metade, uma música no CD. Pois, e por que não relaxo? Tem como largar essa tensão, essa sensação de que essa rotina de poeta aposentado não vai durar muito?

Tem um conto meu, antigo, agora não lembro em que revista foi publicado. Um conto curtinho. O título também me foge. É sobre um comandante de um navio à deriva em um oceano epopeico. O cara já havia perdido as esperanças de encontrar alguma terra firme. Há dias havia desistido de buscar salvação em seus mapas marítimos. Aí, sabe lá por quê, ele envenenou toda a tripulação e jogou os cadáveres no mar. Sozinho, o único ser humano num raio de milhares de milhas náuticas, baixou as velas e se deixou ser levado pela correnteza lenta. Em seu delírio se viu eterno em um quadro expressionista. O sol parado a setenta graus. O céu com escassas sardas brancas. Um escritor de quinta ia correr logo parar esboçar com algum lirismo os pensamentos desse capitão. É óbvio, que nenhum pensamento pairava a amente daquele apostador terminal. Fim. O conto termina. Esse conto é daqueles que a pessoa quando escreve não vê outra forma de terminar. Mas ele não começava assim, antes tinha uma primeira parte que arranquei quando fui precisei enxugá-lo. Nesse pedaço, eu falava sobre a última

noite desse capitão e do seu navio em terra firme. Um bar velho no porto. Quatro ou cinco pessoas num jogo de cartas apostadas. Última partida da noite, avisa o dono do bar. Dois ou três desistem. Só o capitão e um velho cigano, última rodada. O capitão leva tudo. O capitão com todas as moedas da noite, insiste, desafia, propõe uma prorrogação: todo esse dinheiro por seu dente de ouro. O dente de ouro do cigano brilha solitário numa boca de dentes podres. Vamos nessa, diz o cigano. Sem reviravolta. Nessa hora até pensei em inventar algum passado para o capitão, crupiê, larapio de cassino, mas desisti. Me dá cá esse dente. O velho não reclama, trazem um alicate, ele mesmo arranca. O justo é o justo, escrevi algo assim. Mas aí o capitão faz tolice. Vá saber por que ele não quer respeitar a derrota do outro. O homem tão maduro, se comporta como um menino, e começa a arremessar contra o cigano todo tipo zombaria. A tripulação se alinha na chacota. Estivadores, bêbados, marinheiros, ninguém intervém em auxílio ao cigano. Malditos, o cigano grita, aponta o indicador para o capitão e a sua tripulação e roga uma praga. O capitão mantém o sorriso, mas no fundo ele não desdenha as palavras ciganas. E nessa parte escrevi, fui bem categórico, que a praga seguiu com o barco quando o navio levantou as âncoras.

Calma, calma, vou voltar à minha novelinha. E por favor me permitam manter o presente como tempo verbal.

Assim quase me permito estar lá. Pois então, depois do arquiteto argentino finalmente ceder a vaga no planeta, Márcia e Marcos vêm reembolsados no primeiro voo. Ocupam os quartos vazios da cobertura. Tento tirar dos meus pensamentos o interesse pelo piercing tribal na língua de Márcia ou pela verde melancolia de Marcos. Para não pirar, dei para sair mais de casa, faço passeios idosos sem pressa. Vou e volto pelo calçadão da orla elaborando mil histórias em que os dois são protagonistas. De manhã, Márcia vem da cama, ainda de olhos remelados, senta no banco alto do balcão da cozinha. Eu, da mesa, não consigo ignorar os pelos salientes entre as pernas, dois gravetinhos e aquela calcinha. Márcia me sufoca com goles de libido, serpenteia a língua no copo americano, se deixa molhar com suco de laranja, com leite, com iogurte. Que tesão, caras, que tesão é essa pequena. Ela ali e eu aqui. Vocês não sabem o quanto me controlo para não ir lá e meter a boca no meio dessas coxas delgadas, meter a bocar e fazer Márcia ficar de ponta de pés, fazer ela beber seja lá o que ela esteja bebendo a goles irracionais. Goles de esquizofrenia ainda em jejum, quando terei isso? Pernas depiladas. Batatas torneadas. E eu passivo. Se fosse só uma vez, caralho, que nada. É toda manhã. Toda manhã essa tortura crônica. Empurro com urgência voltar os olhos para o jornal. Vai acabar, vai acabar, esse copo que ela bebe não cabe todo suco ou todo leite ou todo iogurte do mundo, uma hora

Márcia vai me deixar respirar. Aguenta, cara, não olha agora, se você olhar agora é certo que aquela mesma bunda pequena e durinha vai estar ainda mais arrebitada.

Marcos, acho que ele, avoado que é, mesmo aqui do outro lado da mesa, nunca vai sacar esse jogo sexual. Ele só tem atenção para comer esse mesmo queijo quente e escrever com essa mesma Bic nesse mesmo caderno de anotações. Silvia pouco pisa em casa, sempre há a reunião inadiável, uma viagem com pernoite ou de fim de semana inteiro. Quando vem, chega já quase de madrugada, cansada, exausta, mas sem nunca deixar de reivindicar os meus favores sexuais. Foda objetiva e útil. Ela goza. Eu gozo. Pronto. Deito pro lado. E é só aí que me permito imaginar alguma fantasia com Márcia. O que ela faria se estivesse no lugar de Silvia? Estão vendo, senhores, até eu acho inverossímil essa minha narrativa, parece aqueles pornô franceses da década de setenta. Por isso compreendo a inevitável desconfiança estampada em suas caras. Como pode? Não tem como alguém numa foda premium com a toda poderosa Sílvia Rodrigues ter espaço na mente para devanear com uma adolescente petulante. Se contentem, pois tem como, agora mesmo penso nela, meu pau murcho, a porra quente nas minhas pernas, Sílvia do lado, respondendo a um e-mail, e eu, quase tudo de mim, viajando nos pentelhos de Márcia. Será tara de homem de meia-idade? Acho que não. Já falei para vocês. Nunca me interessei por lolitas, anitas, paquitas,

chiquititas de periquitas fofinhas e pequeninas. Aí vem Márcia e destrói toda essa minha convicção. E nem quero saber, hoje, como nunca na vida, não estou seguro de nada. Márcia, quero ter, e não importa o quanto me eu me traía, desde que eu possa ver o resto dos seus pelos, desde que eu possa sentir minhas mãos abusivas engolirem seus peitos, desde que eu possa ouvir ela gritar quando eu arrancar os seus pentelhos. Sei lá, isso eu nunca vou conseguir explicar, é mais do que sexo.

Os dias se passam. Já faz mais de um mês, mais de trinta vezes que Márcia chega, se estica no banco alto e me mata de raiva. Mais de um mês, Marco calado do meu lado, com sua caneta e seu caderno. Hoje não fui caminhar. Desde às duas estou aqui na varanda. Já se foi meia garrafa de uísque. A linha do horizonte lá longe já meio fosca. Mas ainda está longe de anoitecer. Fumo o centésimo cigarro da tarde. “Você é do tempo da ditadura, né. Foi preso? Já te torturaram? Me diz, sou doida para saber, rolava orgia nos porões da ditadura?”. Fico paralisado de frente para Márcia. Até esse momento, as únicas palavras que eu havia trocado com ela foram obrigado, de nada, bom dia, boa tarde, passa a margarina. Aí vem ela com essa pergunta. Caralho, o que ela quer dizer com esse papo de orgia nos porões da ditadura? Pois, eu sei, é claro que eu sei. Por que não rebato ao invés de ficar congelado procurando palavras no meu vocabulário que.

Não, cara, não vou dar a resposta dessa pergunta, e nem dizer a razão de Márcia me perguntar. Toda vez que chego nesse ponto é essa insistência. Aceitem.

Transformo o sorriso enferrujado numa inusitada gargalhada. Fazia tempo que eu tinha gargalhado assim. Márcia cínica só sorri. Continuo a gargalhar. Ela dá as costas para mim. Dois passos. Para, se vira e me convida. Não lembro o que ela diz. Pego a garrafa e vou atrás dela. Vou mostrar a essa pequena as orgias que minha consciência faz nos porões de meu cérebro. É por sua causa, pirralha, que não tenho mais paz. Meu pau duro entra rasgando a buceta ensopada. Toma, toma, toma. Ela geme baixinho, frases torpes, ela me entrega no pé do meu ouvido. Essas frases são minhas? São frases que escrevi. São frases que desdenhei e arranquei dos meus cadernos de anotação, fetos ensanguentados em sacolas de supermercado. Fetos ensanguentados enrolados em papel alumínio cozidos no bafo devorados em rodízio de churrascaria. Fetos ensanguentados embalados a vácuo pendurados na sala de espera de escritórios de advocacia. Fetos ensanguentados vestidos com camisetas das Nike alinhados ao som do hino nacional. Porra, Márcia, diz mais, diz mais, continua a cantar os meus pensamentos desencavados nesse idioma esplêndido. Deixa comigo vou ficar aqui em cima para sempre. Márcia me puxa, crava as unhas em minhas costas, me prende com as pernas, “Vai, vai, vai.”. Quero gozar, mas sustento, quero mais do seu

sussurro. Fetos ensanguentados brotados dos galhos de árvores da floresta das árvores da vida. Fetos ensanguentados fatiados em translúcidos véus a golpes de machados. “Mais, mais, mais”. E lhe dou mais. Dou mais do que ela pede, mais do que ela supunha que eu pudesse dar, mais do que cabia em seu corpo magro. Quanto tempo? Não sei te responder, mas já sinto minhas forças se acabando. Tombo pro lado. Meu pau quer mais. Ela quer mais. Só o meu coração de poeta deteriorado nessa de empatar foda. “Se não quer me comer mais, amolece esse pau”, ela grita. Sei lá por que grita, se respira mais ofegante do que eu. O abdômen de Márcia, do púbis até o plexo solar, oscila. Cascavel. As costelas expostas. Pego a garrafa de uísque e dou dois goles, no gargalo mesmo. Quero te comer, Márcia, espera um pouco, você vai ver o que esse pau... “Hoje mais não. Se liga, cara, Silvia já entra, viu. Já tá subindo no elevador. Não vá deixar minha mamãezinha decepcionada”. Só dá tempo de eu levantar, catar as roupas e correr para o banheiro. Sílvia gira a chave da porta da frente. Entra. Finjo que tomo. Na verdade, preciso tomar um banho. É questão de vida ou morte arrancar o pólen de Márcia de mim. “Milagre é esse, acordado essa hora”. Que horas são?, “Duas e pouco. Foi até bom te pegar acordado, vou tomar um banho pra você me chupar. Guenta aí. Vai pegar a vodca”. Sim, Silvia.

Está aberta a temporada de fodas, gemidos e gozadas no começo da noite. Márcia é insaciável, me quer todo dia. Nem semana passada, menstruada, deixou de me procurar. O lençol da sua cama ficou ensanguentado, confesso que esse fato escatológico catalisou minha excitação. “Fetos ensanguentados beatificados maculando com seus pés sujos lençóis de senhoras secas

”. Ontem, até com Silvia em casa, ela meu puxou para dentro do quarto dela na cara de pau. Não entendi, tua pergunta. O que é que tem as empregadas? Cara, o que elas têm com isso? Só são figurantes, já disse. Marcos? Ah, estava esperando você perguntar.

Marcos, raramente, vejo. Nunca me preocupei em saber se ele desconfia. Naquele primeiro dia com Márcia, sonhei, sonhei que Marcos nos observava, escondido por trás da cortina. No sonho, ele se masturbava com os olhos arregalados, buscando, com a cara de cientista, os detalhes confundidos pela meia-luz. Se masturbava e controlava sua respiração para não ser denunciado, mas ele tinha quase certeza de que eu sabia de sua presença. Se masturbava como um medo indescritível de ser interrompido, de ser revelado à luz exata. Medo e curiosidade. Só queria ficar ali, mas queria também ser convidado para a cama, mas também queria ser expulso do quarto. No sonho, Marcos se masturbava, e eu sentia o prazer de ser masturbado. O meu pau era o pau de Marco, era como se o pau de Marcos estivesse fodendo Márcia no

meu lugar. Ou era como se a buceta de Márcia fosse a mão do rapaz. O sonho mudava de cores na hora que ele gozava. Marcio começava a chorar, agora já segurando na mão direita o caderno de anotações. Marcos tentava escrever com a porra fresca. Transcrever o que Márcia disse ao meu ouvido, o que ele também ouviu. O sonho daí em diante virou um pesadelo, Marcos sem conseguir escrever, apenas borrões beges da gosma já meio seca manchando o papel. Eu cansado do lado de Márcia, suas costelas, a barriga de odalisca. “Não amolece esse pau”, Marcos gritava. Um calafrio. Uma vontade desgrenhada de me perder, de morder a pele de seda de Márcia com o gume dos meus dentes e arrancar-lhe a carne, nervo, cartilagem. O querer de ter ali mesmo a última hora de minha vida. Mas Sílvia. Sílvia já no elevador. “Sangue”, Marcos exige, “Sangue”. Sangue para tingir o papel. Calma, eu vou dar, calma. “Sangue”. Não, cara, não posso ir mais além. Acordei desse sonho ensopado de suor e com o pau latejando de dor. E sonho esse sonho todos os dias, e por todos os dias da minha vida, irei de sonhar.

Senhores, nesta hora em que a história se encaminha para o fabuloso desfecho, dou uma pausa para que vocês façam a estratégica virada de cassetes, para a troca de carga dos modernos e compactos MP3, para que possam enxugar as testas engorduradas, para que possam exorcizar a carga excedente que mantém tensos os vossos pênis nas vossas apertadas cuecas. Todos vocês, tal como

eu, fazem parte da grande matilha de pervertidos. Vocês fariam de tudo para vivenciarem toda a essa minha narração. Esses momentos da vida são únicos. É triste ter a sensação de que sua vidinha não vai lhe entregar tal experiência. Antes dessa porra toda, eu me sentia assim, desafortunado. Eu me enganava, falava para mim, aceita, cara, espera a velhice, espera a última hora da tua vida. Dizem que a morte nunca falha em seus cardápios, na última hora de sua vida, todos os devires são realizados em um banquete, dizem que ninguém deixa de existir até que esse apetite pelo que ainda não se sabe se acabe, dizem que a morte só leva quem estampa a tal cara de fatura. Escrevi uma coisa parecida com isso, numa crônica, O Banquete da Morte, para uma revista para caminhoneiros. Não sei se terei isso quando eu for morrer, mas se eu tiver não se comparará ao que tive na mais plena das noites plenas, estou aqui para contar.

Essa mistura clichê de prazer e dor se aprofunda mais quanto mais estou perto do fim. Não que isso um dia terá fim. Estando eu na frente de vocês, escrevo novas linhas dessa história. Linhas fúteis como essa agora, como fúteis foram as dezenas de resmas de anos que não vivi. Finalmente entendi o conceito da não linearidade, de ter os sabores do mundo em uma empada e um monte de nada em toneladas de ração. De que a vida não é o soletrar dos anos, e sim o dissecar dos segundos. Cansei de tentar entender metafísica, os dogmas cristãos e as

letras das músicas de Jorge Ben. A fragrância dos loucos, senhores, isso é uma coisa que vocês nunca vão entender. Isso é uma coisa que nenhuma resenha literária conseguirá explicar. Só quando a gente fica velho que entende que as frases feitas são ditas e reditas porque sintetizam o que poetas como eu querem arrodar e chegar lá. Uma frase feita, um ditado é o auge do lirismo, e depois daquela noite defendo com unhas e dentes minha opinião.

Ok, cheguei no tal dia. Hoje é sábado, fim de tarde, garoa. Silvia liga do escritório, pergunta se eu não ficaria chateado se a sessão de cinema combinada fosse cancelada. “Não precisa me esperar acordado. Vou dormir por aqui mesmo. Beijo”. Beijo, te amo. Silêncio total. As empregadas foram sugadas pelo ralo. Márcia saiu mais cedo, foi se encontrar com as amigas, shopping, praia, sei lá. Meu uísque, fiel escudeiro. Escuto bem longe a narração do futebol, “Cruzeiro não sabe jogar em campo pequeno”. A linha do horizonte turva. Em sonho, ou quase em sonho, ou em nenhum sonho, nem noto quando Marcos chega.

Não sei quanto tempo ele está aqui do meu lado. Nem sei se ele quis ser denunciado. Ele só esperou por minha atenção, na verdade, como sempre estive, eu que não o enxergava por trás das cortinas dos cômodos. “Li tudo e tudo entendi”. Dez segundos. “Falta a você coragem...”. Dois segundos. “...e a teus poemas, sangue.”.

Eu poderia escrever trinta e cinco mil páginas sobre o que sinto agora. Mil milhares de livros. Uma infinidade deles. Nunca fui tão poeta quanto agora, nunca mais serei poeta quanto agora. E não pensem vocês que o que ele me falou me soou como agressão. Muito pelo contrário, o que tinha de ser dito acabou de ser dito. Não preciso abrir a boca. Só essa aflição altruísta de lhe agradecer. Vem, Marcos, me beija.

Beijo Marcos. E ele me retribui com sua carne. Possuo o rapaz, corpo e espírito. Ou o contrário? É ele que vem sobre mim? É, Marcos, verdade, tolce minha, tolce tua, não dá para saber quem é quem nessa sala sem espelhos. Somos um. Apostolicamente. Mitologicamente. Imageticamente. Somos uma mistura de fluidos e sais, vira-mundos e metais, Átomos, células, lamentos, respostas, patifarias. Somos a cura para o câncer da alma. Somos a passagem, a saída de emergência, somos oásis, temos todas as respostas do mundo. Somos uma caixa escancarada. Caixa de Pandora capotada, se tiver alguém aí fora, pode vir, saqueiem. Somos gêmeos, somos inimigos que nunca deveriam ter se encontrado. Que idioma é esse que não entendo nada, Marcos? Mas se aprofunda, não liga para o que falo, eu te compreendo antes mesmo de ouvir tua voz. Nademos nessa caixa de gordura que guardei dentro de mim. Me dá a última hora. Vamos nos possuir. Por que não? Por que sim? Então toma. Se quer, cuspo tua cara. Me bate, me soca na ponta

do queixo. Te arranco, me arranca tufo de pelos com os incisivos. Não suporto cócegas, você sabe, mas continua que a coisa está do caralho. Meu deus, Marcos, eu sei eu sei, o mais rico dos homens daria toda sua fortuna para experimentar essa patuscada. É mais que um jogo tolo de querer e ter ou não ter, de recompensa ou punição, de apostar para pagar para ver. É o mais tolo dos jogos. Dois ciganos arrancando os dentes de ouro do outro, colocando na lacuna do que foi roubando, e depois roubando do outro de novo. Marco, por todos os santos, por todas as almas afligidas do inferno, não se afasta nem um milímetro, não atravesse a fronteira dessa república particular que irrompeu na Amazônia dos nossos pelos, me ajuda, é claro que te ajudo, me ajuda a hastear a bandeira de linho dessa república. República dos loucos. Marco, menino eu, menino avoadado feito eu, me remendo com teus pedaços, toma, se inteira de mim, nenhuma sobra deve sobrar, nenhuma sobra quer sobrar. Está vendo? Toda a minha existência incompleta, todos os meus dias sobre essa terra, só fiz esperar para que eu viesse te encontrar, até essa última hora, só vivi para esperar por esse sábado de futebol sem gol em que nós colididos e forjamos uma nova espécie. Poeta por completo, sem covardia, sedento por poesias de sangue. “E Márcia?”. E Márcia?

Olho para o quarto de Márcia. Porta do quarto de

M

árcia aberta. Márcia deitada na cama, nua. Não sei se Márcia nos convida? Alguma dúvida? Todas as dúvidas, caralho, se morrer for isso, que eu morra logo. É essa, então, a minha última hora? Senhores, uma vontade me bateu com uma pico berrante num gráfico do sismógrafo, na minha Lisboa nenhuma edificação se manteve em pé, um cigarro na boca, inspirar suavemente inspirar e ver na Globo a reprise da Lagoa azul, quis só isso e morrer agudamente, quis que o poeta dos adjetivos histérico perdesse o seu sentido e sumisse.

Senhores, ali foi a minha primeira morte, uma luz no fundo do túnel e brilho e a mente turva, meu céu, minha recompensa de rios de leite e mel. Esse Deus que detesta o poeta, me deu uma lasquinha, e disse tá bom, agora volta. Seres como eu não podem deixar de tentar encontrar a verdade, e a verdade, vocês sabem, está lá no fundo.

Então, depois daí não sei muito mais de mim. Só tenho alguma lucidez aceitável horas depois. Acordo sufocado me engasgado com pedaços dos meus dentes na garganta. Estou deitado dentro de uma viatura da polícia. As algemas me rasgam o punho. Sinto sangue no rosto. Os ossos da cara doem. Todos os ossos do corpo doem. Vômito em cima de mim. Tudo reverbera. Quantas vezes eu já estive aqui? Quantas vezes vomitei cacos dos meus dentes?

Não sei exatamente o momento em que perdi a consciência. Depois que entrei com Marcos no quarto de Márcia, certas coisas ainda me soam confusas. Depois de passar pela porta do quarto com Marcos, se quiserem saber alguma coisa, posso dizer, já disse, mas com uma margem de erro berrante. Não escondo que sou um homem de adjetivos. Nunca liguei para as críticas contabilísticas: pai eterno, parem esse homem, não deixem ele continuar a blasfemar a língua de Camões. Ali dentro, agora foi a vez do diabo me dar o seu presente. Pois, vejam só, se vocês me perguntarem o que passava na minha cabeça na hora que caminhava para a cama de Márcia, só agora, depois dessas tantas vezes, quem diria, senhores, tenho uma definição exata para lhes oferecer. Anotem essa frase, vai constar em livros, bulas de remédios e outdoors. Um dia ainda verei ela escrita na areia da praia em pedido de socorro. Me permitam chamar outro parágrafo para colocá-la sozinha, frase de caminhão, se os deuses fossem caminhoneiros, escreveriam em seus para-choques:

A plenitude é a soma de todos os adjetivos.

Eu já falei isso para vocês, não me venha com essa agora? Então, ok. Porra, vou dizer que acredito em vocês para deixarem satisfeitos. Mas anota essa frase. Só anota. Quem publicar primeiro, vai ficar para história. Essa frase ainda vai fuder com a tua mente. Sim, a tua mente, carinha apavoadado suspirando de ironia no fundo da sala.

Matar Márcia? Não. No infinitesimal fio de nitidez de que sustentei, me agarrei nessa verdade. Inflexível, exata, total verdade. Acreditem, senhores, vejam a cara de fanático, vejam a minha cara de crente na religião cuja fundamento é só essa afirmação: esse poeta filha da puta aqui, que processou e ganhou todos que lhe ajudaram durante toda a vida, esse poeta não matou Márcia. Não que eu não quis tirar a vida daquela menina. Não nego essa intenção. Mas não, não matei Márcia. Mas pensei, quis que ela morresse com a mesma intensidade de que quis que os dois me matassem. Não matei Márcia. Estou nem aí, riam, podem rir à vontade, explodam, mijem nas calças. Isso não me irrita mais. Quando eu morrer, se eu morrer sem ter o mesmo destino do meu capitão, vou para o céu dessa religião que criei. Depois de ser mastigados por um caminhão de lixo com as sobras das bistecas de um grande banquete da low society dessa capital.

Silvia, que me acusa nos tribunais, nunca mais me dirigiu sua palavra. Compôs o seu processo de acusação com sangue, com vontade de morte. Meu maior medo? Fácil essa. Tenho medo do momento em que estarei frente a frente com Silvia. Tem vezes que sonho que Silvia chega porta da minha cela no meio da noite, empurra uma chave na fechadura e tenta, tenta. É um pesadelo medonho, a cada giro dele, fico certo que ela vai entrar.

Mas Silvia nunca consegue. Que bom. Que fique assim. Deixem Silvia longe de mim.

Uma coisa devo dizer, ficar aqui enjaulado não é tão o fim do mundo como dizem. Minha rotina é escrever grandes poemas naquela de reciclar as sensações que vivi naquela noite. Quando me canso, leio todos os livros que não li ou roubo no carteado. Vez ou outra bebo aguardente de abacaxi destilado em meias de estupradores, bebo deitado na cama do lado de quem me estuprou, essa cachaça azeda arde muito mas muito mais arde o meu cu. Não o fim do mundo. Aqui sou respeitado, dou conselhos, aprendo e sigo. Ainda mais que nunca deixo de receber os extratos das minhas editoras. Sabiam que nunca vendi tanto, povo é perverso, hienas que devoram minha desgraça. Mas sabe, adoro, antes eles do que aqueles outros do passado. Não ligo ficar encarcerado. Além disso, os anos passam rápido. Vai demorar, mas uma hora eu sairei pela porta da frente de qualquer penitenciária. E sabe quem me receberá lá fora? Vocês. Vocês e dez, vocês e cem de vocês. Sairei leve, livre e pleno, levando nas contas um saco com infinitos adjetivos bem mais do que aquela de infinitos adjetivos que entrei. Na minha sela, cultivo uma colônia deles. Revendo e troco por maconha ou por serviços de michê.

Ah, pois pensei que não iam me perguntar. A primeira coisa que vou fazer quando sair daqui vai ser levar rosas ao túmulo de Márcia. Ela merece.

Por que riem? Estive lá. Mesmo com muita dúvida, posso dizer o que Marcos fez com ela, como ele a estrangulou, como ele arrancou a pele da irmã com as unhas, como ele comeu as suas orelhas, o nariz, os mamilos, a ponta do queixo. Como ele bebeu o sangue e, com o mesmo sangue, preencheu o piso, o teto, as paredes e as vidraças com perfeitos versos. Marcia não sofria enquanto morria, Márcia se deu. Sua última hora foi resplendorosa. Por isso ela merece minhas rosas.

É claro que já vi a possibilidade de ter tudo aquilo ter sido tramado pelos dois. Longe disso, senhor, e volte aí todas as suas fitas para ver que nunca ponderei isso, não aqui na frente de vocês, nunca me senti sendo levado a uma emboscada. Convidado para um ritual, um ritual que nunca irá repetir por milhares, milhões de ano, foi assim que me senti. Conseguir repetir isso? Zero chance. Todas as tentativas de simular esse único e inexplicável rito se frustrarão. Nem que tragam a mesma BIC mordida sem tampa. Nem que ponham os mesmos mililitros do meu uísque de cento e vinte anos dentro da mesma garrafa de uísque. Nem que façam o Cruzeiro jogar em um estádio com as mesmas medidas estreitas e com aquele goleiro que pegou todas no primeiro tempo. Nem tentem. Se foi tramado por eles, tudo bem. O que é que tem eu ter sido objeto sem poder de decisão? Expectador. Cúmplice. Marcos escrevia nas paredes com o corpo inteiro. Batia a cabeça na parede afrontando as leis da natureza. A cara

arremessada no chão, serrilhada no chão. Os dentes trincando. Os dentes quebrando. Os dentes voando. Impedir? Não, três corpos. O problema de três corpos nunca os cientistas conseguiram solucionar, é uma valsa, impasse mexicano, eu me vi na espera, que sacassem as armas, mesmo sabendo que eu carregava nenhuma comigo, e se tivesse nem a trava do coldre eu desabotoaria. De forma alguma eu não me atreveria a interromper tal liturgia. Uma pena eu ter entrado naquele estado de transe. Depois daí, fui alucinando cada vez mais, e não foi surpresa nenhuma o meu corpo de quase velho não suportar por muito tempo. Pronto. Fim.

A plenitude é a soma de todos os adjetivos. A plenitude é a soma de todos os adjetivos. A plenitude é a soma de todos os adjetivos. A plenitude é a soma de todos os adjetivos.

Hoje sinto muita falta do uísque diário dos fins de tarde, de saber que Márcia sempre viria e eu a teria, de saber que em algum canto da sala, Marcos lia e entendia os meus versos e talvez nos espreitasse por trás das cortinas.

Hoje sinto falta do uísque vespertino e de Marcos. Gostaria de vê-lo só mais uma vez. Mas sei que, não importa onde ele estiver, ele está pensando em mim. Precisamos um do outro. Espero que sua pena seja branda.

Ah, quer saber. Não vou mais sustentar essa porra de inocência. Matei? Não, não matei. Mas decidi agora fui eu o assassino, vou trazer para mim toda culpa. Encontrei o meu céu aqui nessa colônia penal. Por décadas minha arrogância de semideus lírico me fez procurar em lugares errados os humanos a quem escrevi todos os meus poemas. Nesta prisão estou, eu sou da legião de loucos, mas não tão loucos a ponto de não racionalizarem sobre a sua loucura. Mentirosos, estelionatários, traficantes, ladrões, pedófilos, estupradores, assassinos, são os meus fiéis. Se eu for na do meu advogado que me quer me vender como insano e se calhar o júri cair na dele, qual o meu destino? Uma mansão assombrada de loucos assombrados? Loucos e tão a ponto de não sabem existirem suas loucuras como velhos esclerosados que nem sabem quando será a hora de sua morte. Prefiro os meus, irmãos de perversidade, recheados da gangrena da lucidez. A plenitude é a soma de todos os adjetivos. Foi para eles que escrevi todos os meus poemas.

Me assumirei culpado. No mais estou cansado, já anoitece. Foi bom estar com vocês nessa última, que todos sabemos que não é a última vez. Caras, quando eu sair, vou mandar um convite para uma noite de uísque e orgia. Então é isso, até o dia do julgamento, quero todos lá, ensaiem um hino de torcida, uma olá, ou outro desses desvarios.

É acertada a minha decisão. Quero Marcos livre. Marcos merece o mundo, que ele tenha o mundo, mas não cometa os meus erros. Que ele lance logo seus livros. Viva seus momentos de sumidade. Aquele garoto tem um quê que eu nunca tive. É um poeta com coragem. Ele é um poeta de sangue, como todo poeta tem que ser.

Manuscrito encontrado sobre o corpo do poeta Gustavo Inácio Monte, morto em sua cela, em 29 de novembro de 2006. Este é o único depoimento do réu, que por todo o processo manteve-se em silêncio. Seu suicídio deu-se na véspera de seu julgamento pelo brutal assassinato do seu enteado Marcos Rodrigues de Santana, filho único da atual conselheira federal da Ordem dos Advogados do Brasil, Silvia Rodrigues Leão.

Sobre Roberto Menezes

Escritor

Roberto Menezes (Santa Rita, 1978) é um escritor brasileiro. É doutor em Física e professor da Universidade Federal da Paraíba. Publicou os romances Pirilampos Cegos e O Gosto Amargo de Qualquer Coisa (2008), premiados e editados pelo concurso Novos Escritos da FUNJOPE, João Pessoa - 2007 e 2008. Em 2011, publicou o livro de contos Despoemas. O escritor venceu o Prêmio Prêmio José Lins do Rego da Fundação Funesc do Governo do Estado da Paraíba, onde publicou o romance Palavras que devoram lágrimas. Tem contos publicados na coletânea Internautas da Editora Melhoramentos. Roberto Menezes é um dos idealizadores da feira literária FLIPOBRE.

Sobre Felipe Coutinho

Ilustração de Capa

Artista, ilustrador, animador freelancer e professor de desenho e pintura no Lumina Atelier. Começou sua carreira fazendo quadrinhos no estúdio megatério, onde fazia arte-final para quadrinhos do Menino Maluquinho. Publicou nas revistas MAD, Galileu, Mundo Estranho e Veja Rio. No mercado Publicitário trabalhou em diversas campanhas para várias agências. Depois de um período dando aulas em diversas escolas, iniciou sua jornada como artista independente e sócio da Lumina no início de 2016.

Facebook.com/Felcouthinho

www.felcouthinho.com

A FRAGRÂNCIA DOS LOUCOS

Copyright 2017 Roberto Menezes

Published by
Appaloosa Online Indie Publishing

www.appaloosabooks.com